

Companheiros de Fortaleza

Josué Montello

Quando a vocação literária desponta na província, a sua tendência natural é a busca de vocações análogas — tanto para que se preserve a expansão, quanto para *que marque a sua presença* na cultura local. Essa presença lhe permitirá transpor as fronteiras regionais, para afirmar-se, por fim, no quadro dos valores nacionais.

Foi assim com a chamada plêiade mineira, ao tempo da Colônia. Assim também com o grupo maranhense, ao tempo do Império.

Os instrumentos de constituição dos grupos regionais variam: ora é um jornal, ora uma revista, ora uma personalidade forte, ora apenas o sentimento de afinidade vocacional, ora um fator promocional transitório.

Por vezes, a personalidade forte apenas atua de passagem, aglutinando repentinamente as vocações dispersas. Foi o que ocorreu, por exemplo, em 1899, no Maranhão, quando o ambiente intelectual parecia apagado, sem impulso novo que o revitalizasse.

Humberto de Campos, que ali vivia como caixeiro de uma casa de secos e molhados, dá-nos o seu testemunho do que então aconteceu. “De súbito, aparece, cercado de sua glória risonha e nascente, em visita ao seu berço, Coelho Neto. A sua voz de pastor, as ovelhas se levantam. A juventude maranhense, vencida antes de combater, toma-se de coragem. Um sopro ardente de vida e de esperança congrega os atenienses, que já haviam esquecido os grandes vultos da pátria. E funda-se a Oficina dos Novos, destinada a operar, num milagre, a ressurreição do espírito literário, e que veio a oferecer ao Maranhão, efetivamente, a

sua última geração de escritores, com projeção fora do Estado.”

Desse grupo sairão dois grandes poetas, Maranhão Sobrinho e Correia de Araújo; um teatrólogo e contista, Viriato Correa; um pesquisador de temas literários e folclóricos, Astolfo Marques; um jurista e político, além de ensaísta, Clodomir Cardoso. Outras vocações despontarão, à margem do grupo da Oficina dos Novos: Antônio Lobo, Antônio Lopes, Luso Torres, Humberto de Campos, Alfredo de Assis Castro, Domingos Barbosa.

Em cada província brasileira sempre se constituíram grupos de jovens escritores, que o tempo desbaratou, ou deixou florescer e através dos quais se pereniza a inclinação das letras, à espera das vocações irreprimíveis, que superam os horizontes natais.

Ainda está por escrever-se a história dessas manifestações episódicas. E a verdade é que elas são núcleos essenciais à continuidade da palavra escrita como substância de obra de arte. Quando não enriquecem as letras, com os livros perduráveis, correspondem ao melhor público do romance, do conto, da poesia, da novela, do ensaio, da peça de teatro, que lhes chegam às mãos, vindo de outras regiões nacionais.

Vivi essa experiência quando minha geração literária se constituiu, nos anos 30, em São Luís do Maranhão, suscitada pela consternação local da notícia da morte de Graça Aranha. Um de nossos mestres, que vinha da geração de Antônio Lobo e Maranhão Sobrinho, reuniu-nos à sua volta, e daí surgiram os companheiros que se firmariam nas letras, como traço de união entre a geração de Maranhão Sobrinho e a geração de Bandeira Tribuzi. Fazíamos os nossos versos e a nossa prosa, mas éramos sobretudo a ressonância da prosa e da poesia que nos vinha do Rio, de São Paulo, de Porto Alegre, de Belo Horizonte, de Salvador.

É fácil constatar que os grupos que se aglutinam na juventude a própria idade se encarrega de desfazê-los. Cada um de seus elementos segue o seu rumo, mudando de caminho ou continuando o caminho primitivo, até chegar o momento em que as lutas juvenis só perduram na poeira das recordações.

Ora, o grupo Clá, que se aglutinou em Fortaleza no começo dos anos 40, tem esta singularidade em nossa história literária, no confronto com os demais grupos de outros pontos do país, e mesmo do Ceará: perdura até hoje, mantido pelos mesmos elementos que lhe deram o sopro da

vida com os seus primeiros poemas e os seus primeiros contos.

A revista *Clã*, emanção do grupo, tem, agora, 33 anos de continuidade bibliográfica. E é no seu número mais recente, saído em março último, que podemos ler a crônica da admirável geração que a lançou, dela fazendo o seu espelho e o seu estuário.

Antônio Girão Barroso abre a série de depoimentos que nos elucidam sobre a origem, a formação e a manutenção do grupo de escritores que fizeram de *Clã* uma de nossas mais importantes revistas literárias. Ao seu testemunho, seguem-se os de Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos, Mozart Soriano Aderaldo, Fran Martins, Otacílio Colares, Milton Dias, Sânzio de Azevedo, Francisco Carvalho, Mauro Benevides, Guilherme Neto e Mário Baratta.

Os rapazes de então são os graves senhores de hoje, com os livros publicados, a vida construída e o ideal resguardado — a despeito da distância natural que sempre separa da ilusão juvenil a conquista da maturidade. Travaram eles o bom combate e não perderam a fé, consoante a recomendação das Escrituras. Alguns, como Aluízio Medeiros e Braga Montenegro, já não podem responder à chamada dos companheiros, mas estes respondem por eles, na hora em que os sinos dobram, avivando as saudades de cada um.

Parece-me que, ao grupo primitivo, se aliaram outros escritores, como Lúcia Martins e Pedro Paulo Montenegro, e logo se irmanaram aos companheiros mais velhos, como se também viessem das primeiras horas, identificados com a fé e as jornadas da mesma romaria. Suponho que João Clímaco Bezerra e Yaco Fernandes participam também de *Clã*: o primeiro, admirável romancista, passou a atuar no Rio de Janeiro, quase a desprender-se de sua província, sem esquecer o núcleo essencial de sua condição cearense — enquanto o segundo, que de lá também se afastara, não tardou a desligar-se da vida, no exato instante em que se preparava para dar forma ao cabedal de ricas experiências que essa mesma vida lhe propiciara.

Vale a pena lembrar que, em 1897, quando se fez o memorialista de sua geração literária, meu conterrâneo Coelho Neto teve ensejo de acentuar, nas palavras introdutórias de seu livro de reminiscências, *A Conquista*, que lhe restavam da áspera caminhada a moeda com que se havia

lançado à aventura, ou seja: a Esperança, e alguns louros na frente, isto é: os primeiros cabelos brancos.

Na realidade, o prêmio da vocação é a própria vocação, com o júbilo de seu tirocínio. Não há trabalho árduo quando corresponde ao pendor natural de quem o executa. As vitórias retumbantes, que a vocação proporciona, constituem um prêmio suplementar, que depende da concordância ocasional de nosso gosto com o aplauso público.

Os componentes do grupo Clã têm, a esta altura da vida, uma obra, um nome e uma reputação, não apenas no Ceará, mas em todo o país. Como ignorar, na história cultural do Brasil contemporâneo, a obra de um Fran Martins, de um Moreira Campos, de um Braga Montenegro, para apenas citar ao acaso alguns dos elementos do grupo cearense? Estes, e também os demais, são nomes nacionais de indiscutíveis merecimentos, como poetas, como prosadores, como professores, como políticos, como advogados.

É natural que, ao vê-los de cabelos brancos, fiéis a si mesmos, eu também me emocionei. De longe, acompanhei-lhes a caminhada, por vezes a saudá-los daqui com o meu aplauso. Voltando agora a aplaudi-los, com uma emoção mais viva, neles festejo a coerência do sonho com o próprio sonho, à revelia dos tropeços que o destino sempre altera em nosso caminho.

(Transcrito do *Jornal do Brasil*, de 26-05-81)